

Omar Simões Magro

# O ATAQUE DA ILHA DA REDEMPÇÃO

(10 de Abril de 1866)

Afinal, a 5 de Abril chegou o termo de tão longa expectativa. Haviam sido escaladas cerca de novecentas praças, sob o commando do tenente coronel João Carlos de Villagran Cabrita para occuparem a ilha que existia no centro do rio, entre o acampamento brasileiro e a península de Itapirú, logo abaixo da ilha de Sant'Anna. Chamavam-na os paraguayos — isla de la Redención, ou Purutué. O objectivo dessa forja era hostilizar o forte inimigo e dominar o canal situado entre a ilha e a margem opposta, dalli distante perto de 600 metros. Como uma fatalidade historica, aos paulistas tocava o primeiro contacto com o territorio paraguayo, frente a frente com o seu tradicional inimigo, o guarany.

Logo depois do toque de recolher, ás 8 horas da noite, o destacamento formou, de baixo do maior silencio, e aproximou-se do rio, que estava immerso nas mais profundas trevas. Compunham-no o 7.º de voluntarios, sob o commando do tenente coronel Francisco Joaquim Pinto Paeca; o 14.º provisório de linha, sob o commando do major José Martini, um contingente do batalhão de engenheiros, 4s ordens dos tenentes André Pereira Rebouças e Bernardino Senna Madureira, quatro peças La Hite, calibre 12, do capitão Francisco Antonio de Moura e quatro morteiros de 22, do capitão Antonio Tibureio Pereira de Souza. Planeára e dirigia a expedição o tenente coronel de engenheiros, José Carlos de Carvalho.

Transpostas as linhas avançadas, achou-se a tropa na barranca do Paraná. Nem um murmúrio se levantava daquella massa de homens: si não bastasse para isso a ordem severamente transmittida, a commoção daquelle instante solenne embargava a voz de todos, officiaes e soldados. Mal se distinguiam, prolongando-se com a terra, as chatas da esquadra, alli postadas para a travessia. E assim, evitando cuidadosamente o menor ruído, impedindo até que os mactes se chocassem, para que o seu tibir não fosse despertar as vedetas inimigas, attentas na margem fronteira, embarcaram-se os homens, carregando consigo canhões, munições e instrumentos de sapa. A um signal convençionado, largaram as embarcações e singraram mansamente

para a ilha, que além mal se percebia.

O desembarque se fez, ainda no maior silencio. E logo os engenheiros começaram a traçar a linha de uma trincheira, que os soldados levantaram, de um a outro lado da ilha. Aos flancos della foram montadas as peças La Hite; ao centro os morteiros, tudo abrigado por saccos de areia. E enquanto esses homens assim trabalhavam na sombra, dormiam os exercitos inimigos nas guas margens do rio, sob a inquietá vigilancia das sentinelas, que, em vão procuravam descobrir, na escuridão da noite, o deslizar cauteloso de alguma chata, trazendo no bojo a destruição e a morte.

Mas quando, ao alvorejar do dia 6, rasgou-se a bruma que subia do leito do Paraná, um immenso clamor de triumpho se levantou no acampamento alliado. No meio da ilha, em alto mastro, beijado pela brisa matutina e illuminado pelo sol nascente, subia então o pavilhão brasileiro, firmado logo por uma salva de artilharia e saudado pelas cornetas e clarins de todo o exercito, que tocavam a marcha halada, enquanto as musicas de todos os batalhões compiam entusiasticamente o hymno nacional.

Póde-se imaginar quão dolorosa foi a surpresa dos paraguayos, quando, de Itapirú, divisaram, já fortificada, a força brasileira, e ouviram as aclamações jubilosas dos alliados agglomerados na outra ribanceira. Logo, conteados os canhões, revidaram, em furioso bombardeio, ás baterias do tenente coronel Cabrita. Estas, porém, já dominavam, não só o forte, como ainda as suas communições com o Passo da Patria, onde tinha seu quartel general o dictador.

Quatro dias passaram-se assim. Os canhões e morteiros da ilha respondiam, pausada, mas incessantemente, aos tiros inimigos, e pouco a pouco iam-se cobrindo de brechas os sombrios muros de Itapirú. Aquelles artilheiros tinham sido escolhidos entre os melhores do exercito, e as suas pontarias eram certeiras e destruidoras. A's vezes, estrondava, num ou noutro ponto da linha, escasso tiroleio.

Assim, viviam os soldados numa alerta constante, obrigados a continuas reparações nas trincheiras, attingidas pelos obuzes, e a aturada vigilancia, pois o inimigo era solerte e astucioso.

Na madrugada de 10, enquanto os rijos lutadores repousavam fatigados, por tão duros trabalhos, resolveu Lopez recuperar a ilha. Ella ia ser theatro de um dos mais emocionantes episodios da longa e cruenta campanha, que então apenas se iniciava.

Eram mil e duzentos os combatentes, designados para esse fim, pelo coronel Diaz, que, de Itapirú dirigia o ataque. Escolhera este chefe entre os mais valentes de seus soldados. Constituia a columna de ataque um esquadraão de cavallaria a pé, quatro companhias do 9.º de infantaria e outras quatro do 3.º da mesma arma, sob o commando dos tenentes Pablo Cabrera, Leonardo Riveiro, Ciríaco Vera, Mateo Morel, e do capitão Romero. Vinham embarcados em duas chalanas e mais de trinta canoas. Mais uma vez, na escuridão da noite, renovou-se a passagem silenciosa do rio por centenas de homens, dispostos a matar ou a morrer. Atracando á ilha, pelas 4 horas da madrugada, saltaram em terra sem o menor rumor.

Achava-se de promptidão nas linhas da frente a companhia do 7.º de que era capitão o dr. Felício Ribeiro dos Santos Camargo, e commandava os postos avançados o 2.º sargento Telesphoro Ricardo da Silva. As sentinelas brasileiras só dão o alarme quando as primeiras fileiras inimigas já attingiam, á direita e á esquerda, as trincheiras.

— Muerte á los cambas! bradavam, em horribes gritos os paraguayos; e investem furiosamente á arma branca. Recolhem-se as vedetas e reenam, combatendo bravamente, os elementos avançados, sob as ordens de seu capitão, dando assim tempo de organizar-se a resistencia.

Formam-se as guarnições e os apoios da artilharia, alinham-se rapidamente as companhias e são repellidos os primeiros guaranyes que teatam galgar os parapeitos. Então estala, de uma ponta a outra, viva fuzilaria. Encarnica-se o combate, nas trevas, enquanto os canhões dão apenas dois tiros. Nada podem fazer. Nada enxergam os seus serventes. As peças são tomadas e retomadas varias vezes.

“Aquella lucta turda, diz Silvano Godoy, á arma branca, corpo a corpo, no meio da escuridão da noite, ringido o aço entre os ais dos moribundos, illuminada a

espaços, pelo rubro lampear dos canhões, revestia um aspecto sinistramente aterrador, que mais se assemelhava a um combate de fantasmas ensanguentados do que de seres humanos”.

Desperta, ao estrondo do combate, o acampamento alliado. Cruzam-se toques de clarins e cornetas. Os batalhões alinham-se vivamente, correndo aos sarilhos. Em todas as direcções passam, galopando, ajudantes de ordens. Todos suppõem que o ataque é dirigido ás tropas ali reunidas. Mas logo se verifica o opposto. E então, aquelles trinta mil homens correm para a margem do rio, anciosos pela sorte dos que além se batem. Vislumbra-se apenas, na direcção da ilha, a linha sinuosa do fogo, que brota, rolanete, dos fuzis brasileiros, continua, sem intermitencias.

Dir-se-lhe que aquelles soldados, que pela primeira vez entravam em combate, eram veteranos de cem batalhas. Ha quem pense em mandar-lhes soccorros, ha quem queira ir ver de perto as vicissitudes do sangrento embate, cujas peripecias se advinham, mas não se vêem. Impossível, porém. Ao attingirem o Paraná, encontram, é verdade, as embarcações ali estacionadas na expectativa de semelhante emergencia. Mas estão sem remos! E suspensos, contendo as pulsações do coração, nada mais podem fazer sinão ouvir os brados dos lutadores, os gritos dos feridos, os gemidos dos moribundos, numa horrivel confusão; e, sobrepujando a tudo, o crepitar da fuzilaria, que não pára. E, fulgurando sempre, uma longa serpente de fogo delimita a trincheira brasileira.

Quando os primeiros alvares do dia concederam emfim aquelles valentes um pouco de visão, começaram os brasileiros a saltar das trincheiras, em pequenos grupos, perseguindo os paraguayos mais proximos. O capitão Fortunato de Campos Freire trava lucta corporal com um possante guarany, terminando por atravessá-lo com a espada. Adiante, alguns soldados, sob a chefia do furriel Manoel Caetano de Abreu Junior, batem-se desesperadamente com numerosos inimigos, que lhes rodeiam o capitão, cuja vida salvam, pondo em fuga os que não ficaram feridos ou mortos. Dois soldados de cavallaria cer-

cam o cabo Luiz Pinto de Souza Rangal, e desferem formidaveis golpes, procurando attingi-lo com seus pesados sabres; agil e destemido, o paulista defende-se á bayoneta e mata ambos os contendores. De um para outro lado corre, transmitindo as ordens do commandante, o alferes ajudante, José Pinto Freire. O cadete Pedro Monteiro do Amaral, vendo um infante destacar-se entre os atacantes, galga o parapeito, desarma-o e aprisiona-o, no meio das aclamações dos camaradas que, mais proximos, presenciavam o seu arrojo.

Escasseavam, entretanto, as munições; impossivel era receber as do acampamento. Então, á voz dos officiaes, reformam-se as fileiras por detraz dos abrigos. Nesse momento, raiou finalmente o sol.

— São Paulo vos contempla! bradou, energico, aos bravos do 7.º, o coronel Pinto Paeca, fazendo das suas mãos porta-voz. Em seguida deu uma ordem que os cornetas repetiram vivamente.

As notas vibrantes da carga estrugiram no espaço; e todo o batalhão, saltando os parapeitos e chui, bayonetadas cruzadas, alinhado e firme, sobre o inimigo, com impeto irresistivel. A frente das companhias, arrastando os soldados e eletrizando-os com o seu exemplo, vão os capitães Felício Camargo, Diogo de Barros, Elias de Oliveira, Fortunato de Campos Freire e Tristão de Oliveira. Secunda-os com destemor o tenente Cupertino, seguido pelo alferes João Carlos da Silva Telles Junior e Francisco Benedicto de Mattos, acompanhados por valorosos inferiores. Os corneteiros tocam sem cessar a carga, entre elles Tibureio de Paula e Manoel José Ramos, desembainhando os reflexos, combatem á arma branca, como simples soldados.

Recuam e fogem os paraguayos, que até então haviam brigado com heroismo; nada mais contém a furia dos brasileiros, que agora, finalmente, podem vêr os seus adversarios. A lucta, nesse entretanto, é cada vez, mais feroz, e os inimigos, perdido o animo, abandonam a formatura e debandam. Não lhes dão treguas, porém os nossos; então, em desordenada fuga, procuram suas cha-

tas ou se lançam ao rio, tentando atravessá-lo a nado.

Rápida fôra a scena final. Eram 6 1/2 da manhã. Duas horas e meia durara a tremenda peleja. Levantam-se do acampamento entusiasticos vivos, ao avistarem-se, sempre pannejando no seu mastro, a bandeira auri-verde. Como no dia da occupação, saudaram-na todos os clarins e todas as musicas.

Mas aquelle drama ainda não tivera o seu epilogo. Os brasileiros iam agora a sistir aos derradeiros lances da terrivel pugna.

No canal fronteiro a Itapirú, surge um navio, envolto em fumo. Era “Henrique Martins”, do commandante Jeronymo Gonçalves, e logo na sua esleira mais dois: o “Greenhalgh”, de Marquez Guimarães e o “Chuy”, de Netto de Mendonça. Fulminam, metralham, destroem em sua passagem, as canoas em que vão os fugitivos espavoridos, que, cahindo á agua, se afogam em sua maioria.

Raros foram os que voltaram á margem paraguaya; quasi toda a expedição pereceu ou foi aprisionada. Ficaram mortos na ilha 642. Entre elles se achava o heróico tenente Riveiro, de quem se conta que, quasi cecegado o brago, por um estilhaço de granada, puxando por uma faca, acabou de cortar-o e continuou a combater até submergir-se, ao fugir. Em poder dos brasileiros cahiram 62. O capitão Romero foi feito prisioneiro, já no fim do combate, pelo proprio tenente-coronel Carvalho. Silvano Godoy afirma que regressaram a Itapirú apenas 332 homens, e que esses mesmos estavam quasi todos feridos. Uma narraçáo, feita nos dias que se seguiram, refere que dos 1.200 homens que Diaz empenhára no ataque, apenas 16 escaparam incoolumes. O general Isidoro Resquin assegura, por outro lado, que só puderam salvar-se os que eram bons nadadores.

Não foram pequenas as perdas brasileiras; ellas subiram a 155 homens, entre mortos e feridos. O proprio commandante, tenente-coronel Cabrita, tombou, attingido por uma bomba, vinda de Itapirú, quando dictava a parte do combate, dentro da camara de uma embarcação, onde se recolhera para esse fim. Com elle pere-

ceram os tenentes Carneiro da Cunha e Luiz Woolf, e o major de engenheiros Luiz Fernandes de Sampaio. Este ultimo, amigo intimo do mallogrado chefe, viera do acampamento após o combate, unicamente com o fim de felicital-o pela victoria.

O comportamento do 7.º grangeou-lhe a admiração de todo o Exército. Guiára-o, desde S. Paulo, o velho tenente-coronel Pinto Paeca, apesar de seus antigos padecimentos, que o haviam feito pedir sua reforma. Em Montevidéo e em Corrientes esteve para regressar á Patria: recusou-se, porém, a attender aos conselhos dos medicos, e só se retirou do campo da lucta dias depois do baptismo de fogo dos seus commandados.

Do 14.º de linha, destacou-se o bravo commandante, o major José Martini, que havia de succumbir defronte das trincheiras do Saúce, no combate de 18 de Julho.

Os commandantes da artilharia, capitães Tibureio e Moura tinham ao contrario, vasta e gloriosa carreira aberta deante de si. Ambos attingiram o generalato. Sob suas ordens servia um outro jovem paulista, destinado tambem a alcançar os mais altos postos do Exército pela sua bravura e inamolgavel caracter. Era então apenas 2.º sargento; foi, na Republica, marechal. Chamava-se Antonio Olympio da Silveira, e foi citado pelo seu arrojo, pois, tendo ido, em serviço, ao acampamento, regressou, numa canoa, apenas ouviu os primeiros tiros atravessando o rio quando o fogo era mais intenso.

O 7.º e seus companheiros conservaram-se na ilha até depois que, auxiliados pela esquadra, acabaram de demolir o forte de Itapirú. Então, a 12 do mesmo mez, novamente os paulistas se reuniram á 19.ª brigada; e, com seus conterraneos do 42, marcharam, invadindo o Paraguay pelo Passo da Patria. Todos tinham os olhos fitos naquelles bravos, que não desmentiam o glorioso renome de seus antepassados.

Após o combate, os brasileiros deram á ilha da Redempção o nome do mallogrado commandante Cabrita. Ella era um simples banco de areia, em parte coberto de fraca vegetação. Produzida pelos materiaes arrastados pelo rio, não chegou a consolidar-se. O Para-

aná a formára, o Paraná a destruiu, em uma das suas enchentes. E hoje, em vão se procura um unico vestigio desse trecho de terra, regado pelo sangue de tantos valentes. Em frente a Itapirú, o grande caudal corre tranquillamente, vindo do Brasil. Entre os seus affluentes está o Tieté. Por muitos annos, dormiram os heróes do 7.º, alli tombados, sob o doce murmurar das mesmas aguas que banhavam, ao longe, a sua terra natal.

A parte do coronel Pinto Paeca cita os seguintes paulistas, que praticaram actos de bravura:

Capitães: — Felício Ribeiro dos Santos Camargo, Diogo Antonio de Barros, Elias Antonio de Oliveira, Fortunato de Campos Freire e Tristão Firmipo de Almeida.

Tenentes: — Antonio Cupertino Marecondes do Amaral.

Alferes-ajudante: — José Pinto Freire.

Alferes: — João Carlos da Silva Telles Junior e Francisco Benedicto de Mattos.

1.ºs sargentos: — José Theophilo dos Santos e José Emiliao Carlo de Sant'Anna.

2.ºs sargentos: — Antonio Rodrigues Leite, Telesphoro Ricardo da Silva, Manoel Portella dos Reis e João Antonio Castrioto Junior.

Furriel: — Manoel Caetano de Abreu Junior.

Cabos: — João Jacyntho do Carmo, Joaquim da Silva Moreira, Luiz Pinto de Souza Rangal, Dario Fortunato Azambuja de Souza e Antonio de Moura.

Anspeçados: — João Baptista da Silva Costa, Manoel José de Carvalho e Amancio Ivo de Andrade.

2.ºs cadetes: — Pedro Monteiro do Amaral, Joaquim Casimiro de Oliveira e João José Ribas.

Soldado particular: — Francisco Pinto de Arruda Cruz.

Soldados: — José Pedro dos Santos, Camillo Santiago, Joaquim José Belle, Porphirio Antonio do Nascimento Brandão e João Ferreira Campello.

Cornetas: — Tibureio de Paula e Manoel José Ramos.

(De um livro em preparação: — Os paulistas na guerra do Paraguay).

Diario Popular 11-4-932